

A presença dos africanos e afrodescendentes em Garopaba e seus arredores

Mauricélia Teixeira de Albuquerque¹

Resumo: Este artigo é parte da dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina. Tem a perspectiva de conhecer o modo pelo qual os africanos e afro-brasileiros se inseriram no processo que transformou Garopaba – uma singela vila de pescadores em um pólo turístico. No entanto, nosso propósito maior é evidenciar as contribuições dos grupos em questão no desenvolvimento da cidade. Nossa preocupação maior volta-se para a visibilização do papel desempenhado pelos quilombolas dentro da dinâmica social e cultural do município. Buscamos, portanto, evidenciar a presença dos afrodescendentes na cidade, reconhecida por muitos como tipicamente luso-brasileira. Nesse viés, temos a intenção de desmistificar a majoritariedade da cultura luso-brasileira em Garopaba, uma vez que, como veremos, não foram somente os braços brancos que deram vida ao lugar: a pesca, a agricultura, o comércio e atualmente o turismo aconteceram e acontecem através da junção de forças de todo o povo de Garopaba e não somente do grupo de ‘remanescentes açorianos’.

Palavras-chave: Garopaba. Cotidiano. Experiência.

1. Introdução

Falar da história da Garopaba é mergulhar nas transformações sócio históricas pelas quais a cidade passou, já que de pequeno reduto de pescadores e agricultores se tornou uma cidade conhecida por sua ‘vocaçãõ’ turística. Cabe ressaltar que o município de Garopaba localiza-se cerca de 80 km ao sul de Florianópolis, no litoral, e possui uma população de, aproximadamente, 18 mil habitantes, conforme o IBGE 2010. Inicialmente, instalou-se no local, ainda em meados do século XVIII, uma armação baleeira denominada ‘Armação Baleeira de São Joaquim de Garopaba’, dando origem a uma pequena vila, que posteriormente, transformou-se em freguesia e município.

Ressalta-se que esse trabalho é fruto do entrelaçamento das memórias e das narrativas dos moradores locais aliados a documentos e produções bibliográficas referentes às suas transformações do lugar. Nessa dinâmica sócio histórica e cultural, temos por objetivo dar visibilidade ao papel desempenhado pelos afrodescendentes durante o processo que transformou a pequena vila de pescadores artesanais em cidade turística. Buscamos, portanto,

¹Graduada em História pela Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL; Mestra em História pelo Programa de Pós-Graduação em História – PPGH, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Bolsista CAPES. E-mail: mauricelia_historia@hotmail.com

evidenciar a presença dos afrodescendentes na cidade, reconhecida por muitos como tipicamente açoriana. Nesse viés temos a intenção de desmistificar a hegemonia da cultura açoriana em Garopaba, já que, como veremos, não foram somente os braços brancos que deram vida ao lugar: a pesca, a agricultura, o comércio e atualmente o turismo, aconteceram e acontece através da junção de forças de todo povo de Garopaba e não somente do grupo de ‘remanescentes açorianos’.

A estratégia de utilizar as narrativas dos moradores foi adotada na perspectiva de encontrar um caminho ou um fio condutor a ser seguido na empreitada de tal construção histórica. Ou seja, os depoimentos dos moradores nos permitiram conhecer com mais clareza os meandros das transformações pelos quais a cidade de Garopaba passou durante o período. Pensamos que essas memórias extrapolam “o tempo presente e o homem mergulha no seu passado ancestral. Nessa dinâmica, memórias coletivas encontram-se, fundem-se e se constituem como possíveis fontes para a produção do conhecimento histórico”. (DELGADO, 2006, p. 16).

Nesse viés, procuramos responder algumas questões, destacando-se: Os afro-brasileiros aparecem na historiografia pertinente a Garopaba? Em que atividades os afro-brasileiros se destacam? Os afro-brasileiros têm visibilidade dentro da dinâmica sócio histórica do município? Conseguem representatividade a nível municipal? Será, de fato, que Garopaba é um reduto açoriano?

2. A presença dos africanos e afrodescendentes em Garopaba e seus arredores

A presença dos primeiros colonizadores portugueses em Garopaba é discutida em diferentes obras. Na obra de José Artulino Besen (1980) encontra-se o registro da chegada dos primeiros casais de colonizadores portugueses no século XVII, exatamente no ano de 1692. Segundo Besen, a presença dos portugueses em Garopaba desencadeou a estruturação da armação baleeira que foi construída um século depois da presença dos colonizadores em Garopaba. Besen descreve, em sua obra, a estrutura da armação baleeira de Garopaba:

A Armação de Garopaba ficava no interior de uma baía estreita e comprida (a enseada), cercada à direita e à esquerda de morros cobertos de florestas. A igreja, os alojamentos do administrador, do capelão, dos feitores, tinham sido construídos à meia encosta de um morro; o engenho de frigar, os reservatórios, as casas dos negros, ficavam situados à margem da enseada (BESSEN, 1980, p. 16).

Esta versão em relação ao período da chegada dos primeiros colonizadores a Garopaba é analisada na obra de Wilson Francisco de Farias (2000), em outro espaço de tempo. O autor diz que os açorianos desembarcaram em Garopaba enviados pelo Império Português, procedentes, em sua maioria, da Ilha Terceira, localizada no Arquipélago dos Açores. “As primeiras informações sobre a presença de população fixa [em Garopaba] de origem europeia é do final do século XVIII, resultante dos registros eclesiásticos que indica já residirem em Garopaba diversas famílias de origem açoriana”. (FARIAS, 2000, p. 255).

Uma das informações encontradas em ambas as obras, são os registros da presença das populações de origem africana na história da cidade Garopaba, já que aparecem juntamente com os primeiros portugueses que aqui chegaram. Os africanos e afrodescendentes eram então a mão-de-obra responsável pelas atividades da armação baleeira e demais atividades realizadas em Garopaba. Assim, as populações de origem africana, embora por vezes invisibilizadas no caminhar da historiografia sobre a cidade de Garopaba, representavam uma parcela bastante significativa dos habitantes do lugar. De acordo com Carvalho (2011, p. 32):

Em Garopaba, no século XIX, a presença escrava constituía quase 20% da população total, sem contar os inúmeros africanos e afro-descendentes libertos. Segundo dados de Léonce Aubé (1861, *apud* PIAZZA, 1975), em 1856, a freguesia apresentava população distribuída em 2.254 homens livres e 398 escravos.

Essa tendência a invisibilizar a presença dos africanos na história foi recorrente, no entanto, a situação tem mudado nos últimos anos e a temática vem sendo contemplada em diversas pesquisas. Por muito tempo a historiografia catarinense não permitiu que as populações africanas ocupassem lugar significativo na história do Estado, todavia, essa presença foi bastante representativa. Segundo Fernando Henrique Cardoso (2000, p. 107), “a população da província de Santa Catarina em 1866 possuía, segundo a condição jurídica, 104.459 pessoas livres e 14.722 escravos (cativos)”. Com isso, pode-se constatar que a presença de africanos e afro-descendentes no estado era considerável.

Outra constatação substancial pertinente à presença de africanos e afro-descendentes no estado e, principalmente, no litoral catarinense se encontra na obra de Fernando Henrique Cardoso e Octavio H. Ianni, 1960. Os autores enfatizam que: “a maior concentração destas populações se dava no litoral, principalmente na Ilha de Santa Catarina”. (CARDOSO E IANNI, 1960, p. 30). As informações em foco apontam que a presença africana no estado e

no litoral foi expressiva e necessária para a construção das estruturas urbanas e rurais de Santa Catarina. Mas não podemos ignorar que a maior parte das bibliografias referentes à colonização e formação do estado de Santa Catarina foi delineada a partir de um olhar ‘europeizado’, desconsiderando a presença marcante dos africanos e afro-brasileiros nesse território. Segundo Paulino Francisco de Jesus Cardoso:

Bem como, a proposta de um diálogo com certas vertentes da História Social em Santa Catarina, buscando apreender as opções teóricas e metodológicas que até o presente sustentam uma interpretação da sociedade Florianopolitana e catarinense, que minimiza a importância da escravidão africana, coisifica cativos e libertos, e tem contribuído para a invisibilidade das experiências africanas (CARDOSO, 2008, p. 21).

Na perspectiva de superar as possíveis amarras do ‘esquecimento’ historiográfico, buscamos conhecer as contribuições dos povos africanos em Santa Catarina e, mais especificamente, em Garopaba. Para tal conhecimento utilizam-se os testemunhos e as narrativas dos moradores da cidade, ou seja, faz-se um trabalho pautado na história oral. Tais fontes indicam que foi significativa a participação dos africanos e afro-descendentes na construção da cidade de Garopaba.

Através dos depoimentos verificou-se que no município de Garopaba existiu e existe a presença negra, sendo viva nas memórias dos depoentes a participação e contribuição dos africanos e afro-brasileiros não somente no âmbito econômico, como mão-de-obra, mas também nos âmbitos social, cultural e político.

Em Garopaba, muitos dos afro-brasileiros, após conquistarem a liberdade, se tornaram proprietários de seus negócios. No âmbito político, destacamos a contribuição de dois vereadores afro-brasileiros. O Senhor Sebastião Messias de Souza, eleito em 31/01/1973, morador da chamada Cancha, hoje Avenida dos Pescadores, e o Senhor Maurílio Machado, eleito em 1996, morador da Comunidade Quilombola do Morro do Fortunato, eleitos não somente pelos votos dos cidadãos afro-brasileiros, mas da comunidade garopabense de modo geral. Segundo o Senhor Maurílio Machado, “nossa comunidade trabalhou muito para me eleger, mas eu tive voto em quase todas as urnas do município, votos de muitos brancos que acreditavam e acreditam em mim”².

Apesar das referências bibliográficas que contemplam a cidade de Garopaba não terem dado visibilidade à população africana presente no município, fica evidente que os

² Entrevista realizada na residência do Senhor Maurílio Machado, residente na Comunidade do Morro do Fortunato - Garopaba - SC, 10/05/2013.

afro-brasileiros marcaram esta história, não só com a mão-de-obra, como é costumeiro referendarem, mas, principalmente, com trabalho, luta, persistência e participação no crescimento local. Percebe-se que os afro-brasileiros de Garopaba estão dentro do processo de transformação da vila de pescadores em cidade turística e que esta participação não foi subalterna, ao contrário, conseguiu obter espaço, conquistando lugar de destaque na política, sem dúvida uma conquista bastante emblemática no modelo social ao qual pertencem.

Na perspectiva de localizar geograficamente a presença africana em Garopaba, apresentamos os primeiros núcleos residenciais do município. O que hoje é o Centro Histórico era conhecido como ‘Vila’ ou ‘Freguesia’ - local onde moravam as pessoas com maior posse, em sua maioria ‘brancos’. A orla marítima era conhecida como Cancha – um pequeno vilarejo de africanos/afro-brasileiros e brancos que viviam da pesca. Este vilarejo constitui-se sobre terras pouco valorizadas, dunas e encostas de praia castigadas por ressacas e fortes ventos – a famosa ‘nortada’ que cobria tudo de areia nos meses de agosto e setembro. Por serem terras devolutas, essas populações, desprovidas de recursos, podiam construir seus casebres e viver dos recursos marítimos. Atualmente, a Cancha é denominada Avenida dos Pescadores e possui o metro quadrado mais valorizado do município.

No sentido Sul, encontra-se as localidades de Prainha, Silveira, Capão, Palhocinha, Encantada, Ressacada, Campo D’Una e Grama. Dentre estas localidades, depoimentos indicam a presença de escravos em duas delas: no Morro da Encantada e na Grama, mais especificamente na Praia do Ouvidor. A Senhora Santina da Silveira Teixeira (83) anos, nos informou que:

Meu pai Agripino da Silveira nascido em 1888, ano da abolição da escravatura, dizia que meu avô Manoel José da Silveira nascido em 1862, contava para ele, que conheceu e frequentava os engenhos desses homens brancos e ricos. Na Encantada tinha o engenho do seu Luiz Pereira, que tinha em sua propriedade 18 escravos. E no Ouvidor tinha o seu Manoel Pires, que tinha 25 escravos³.

A Senhora Santina, nesta mesma entrevista, relacionou o nome da referida Praia – Ouvidor, a presença de escravos na região Sul de Garopaba. Vejamos, de acordo com a entrevistada, a que se deve tal nomenclatura:

³ Entrevista realizada na residência da Senhora Santina da Silveira Teixeira, residente na Comunidade do Campo D’ Una - Garopaba - SC, 17/05/2013.

Seu Manoel Pires dono dos 25 escravos, morador e dono de uma propriedade com um engenho no Ouvidor, plantou um tronco de madeira bem grande no alto do morro na praia e colocou um sino com um badalo. Esse sino era para chamar os negros que estavam trabalhando no Morro da Encantada na plantação da mamona, que era para produção de óleo para iluminação da sua casa. Na hora da janta como era chamado naquele tempo, hoje é almoço, o velho Manoel Pires mandava bater o ouvidor [sino] para chamar os negros para a janta⁴.

Então, o nome Praia do Ouvidor tem ‘origem’ no sino tocado para chamar os escravos, ou seja, o ‘ouvidor’ era o meio de comunicação entre a ‘Casa Grande’ e os escravos dispersos nas plantações mais distantes. Dona Santana, como é conhecida a Senhora Santina da Silveira Teixeira, destacou que conhece tais questões por ter crescido numa época em que havia tempo para conversar, pois eram longas as jornadas nas roças e nos montes de mandioca a serem raspadas para produzir a farinha. “Me criei na roça, colhendo lavouras e raspando mandioca com meus pais, e nos montes de mandiocas, meu pai contava para nós essas histórias. Segundo meu pai, o meu avô contava que muitas vezes ouviu o sino bater e foi nesse engenho”⁵.

Interessante destacar que esta é uma versão que podemos chamar de inédita (em termos historiográficos) no que se refere ao nome Praia do Ouvidor, já que até então a versão recorrente e oficial é a dada por Manuel Valentim (2007), que relaciona ouvidor a uma pedra em formato de ouvido existente no costão da praia e faz especulações que ligam o nome ao cargo de um ouvidor.

Alguns moradores da localidade dizem ser devido a uma pedra em forma de orelha, ouvido, existente no costão. Em minha concepção este nome teria sido dado em homenagem a um ouvidor, autoridade ouvinte no tempo das demarcações de terras. Os donatários entregavam aos cuidados de um juiz, ouvidor. (VALENTIM, 2007. p. 198).

Ainda referendando as localidades do Sul do Município de Garopaba, não podemos deixar de destacar a Comunidade Quilombola Aldeia, que faz parte da localidade do Campo D’Una e hoje, como prefere um de seus moradores e líderes – Manoel dos Passos Matias

⁴ Idem

⁵Entrevista realizada na residência da Senhora Santina da Silveira Teixeira, residente na Comunidade do Campo D’Una - Garopaba - SC, 17/05/2013.

Pereira, é denominada Quilombo Aldeia. Para ele: “Chamar de Quilombo Aldeia fortalece a ideia de grupo, dá mais visibilidade, é um nome mais forte”⁶.

Percorrendo as localidades do Sul do município de Garopaba, ressaltamos a importância que os africanos e seus descendentes tiveram na constituição das mesmas, tornando-se donos de propriedades e participando do desenvolvimento político-econômico e social: Segundo a Senhora Santina da Silveira Teixeira (83 anos):

O escravo Gregório Pires, que ficou com o nome do seu senhor, Manoel Pires, dono do engenho do Ouvidor, depois da abolição da escravatura tornou-se dono de uma grande área de terra na Ibiraquera e casou-se com a Sebastiana, tiveram vários filhos: Justina, Tomázia, Paulina, José, Serafim e Fermínia. Sua mulher, Sinha Sebastiana tinha uma profissão muito respeitada e solicitada, era parteira, atendia por toda comunidade da Ibiraquera, Grama, Limpa, Campo e D’Una. Nessa propriedade atualmente ainda existe os descendentes do escravo Gregório Pires. Essas famílias vivem atualmente alugando suas casas para as pessoas que vem de fora para a Praia do Rosa⁷.

Através destas entrevistas, percebe-se que Garopaba, como as demais cidades do estado de Santa Catarina, foram construídas com a participação da mão-de-obra escrava. Além disso, fica evidente a participação dos afro-brasileiros em diferentes situações de convívio social, pois não foram raras às vezes em que mulheres brancas tiveram seus partos assistidos pela Senhora Sebastiana, mulher negra, parteira, que salvou muitas delas da morte, operando seus saberes e conhecimentos em partos. A Senhora Santina da Silveira Teixeira complementou: “Quando não tinha mais jeito, quando as mulheres iam morrer com outra parteira, logo gritavam: chamem Sinha Sebastiana, que era a única que sabia o que fazer com certeza e dava jeito. Após o parto ensinava todos os chás e defumadores para a mulher sarar rápido”⁸. Tal situação indica o quanto de conhecimentos os africanos trouxeram dos diferentes lugares do continente que habitavam.

Em entrevista realizada durante a elaboração do trabalho de conclusão do curso de História, entrevistamos o Senhor Antônio Manoel Antônio Lemos, na época com 76 anos. Em tal entrevista ele nos contou detalhes da presença africana no Sul do município de Garopaba. Relatou o que sua mãe, Rita Martinha Joana, dizia sobre a propriedade do Senhor Luiz Pereira, senhor de escravos no Morro da Encantada: “Havia a casa grande, um engenho

⁶ Conversa informal com Manoel Matias Pereira na EEB Maria Correa Saad – Campo D’Una, Garopaba/SC, em 15/07/2013.

⁷Entrevista realizada na residência da Senhora Santina da Silveira Teixeira, residente na Comunidade do Campo D’Una - Garopaba - SC, 17/05/2013.

⁸ Idem

de açúcar e um engenho de farinha de mandioca e nos fundos do terreno casebres de pau a pique onde moravam os negros e suas famílias”⁹. Na mesma entrevista, sua esposa, Maria Eugênia Pereira Lemos, 70 anos completou: “Os escravos eram obrigados a trabalhar em tudo o que o dono mandasse, essa exploração que os negros passavam era vista pelos vizinhos do lugar”.

Com o passar dos anos e a afirmação das leis abolicionistas, o Senhor Luíz Pereira, forçadamente, teve que libertar os seus escravos. Mas, na prática, essa libertação não ocorreu, pois o Senhor Luiz Pereira se aproveitou da situação de dependência econômica em que os afro-brasileiros viviam mantendo-os presos em função da necessidade que estes tinham de trabalhar para poder viver. Segundo o Senhor Antônio Manoel Lemos “Sem terras, trabalhavam para o senhor em troca de alimentos, assim ‘compravam fiado’ na venda do Senhor Luiz Pereira e como não tinham dinheiro para pagar, entregavam parte do pouco que produziam e tinham que continuar trabalhando”¹⁰.

O Senhor Antônio Manoel Lemos, antigo morador do Quilombo Aldeia, afirmou que: “Mesmo após a Lei Áurea o trabalho escravo continuava, sob o disfarce do pagamento com gêneros alimentícios, tais como: bananas, farinha, café, açúcar grosso, melado e cachaça, considerados de primeira necessidade”¹¹. Com esse instrumento de controle, o Senhor Luíz Pereira ignorou a Lei Áurea e manteve os afro-brasileiros presos a seu poder por mais de vinte anos. Com o passar do tempo, algumas das famílias africanas, através dos rendimentos obtidos nas quitandas¹², conseguiram pagar suas dívidas e se tornarem livres. É nesse momento da história, início da República, que algumas famílias conseguem se livrar das ‘amarras’ que as prendiam ao antigo senhor e juntam-se às que já habitavam as terras devolutas existentes no Sul de Garopaba, mais especificamente na Limpa e no Campo D’Una, originando o grupo que hoje é reconhecido como remanescente de quilombo, a saber, o Quilombo Aldeia.

Para saber mais sobre a presença de africanos e afro-brasileiros no território pertencente ao município de Garopaba, entrevistamos o Senhor Fortunato João Machado (76 anos), morador do Morro do Fortunato. Ele relatou que muitas famílias negras do Morro da

⁹Entrevista realizada na residência do Senhor Antônio Manoel Lemos, e sua esposa Dona Maria Eugênia de Lemos na localidade da Aldeia – Campo D’Una – Garopaba em 24/10/2010. (O Senhor Antônio Manoel Lemos faleceu no dia 20/11/2011).

¹⁰Entrevista realizada na residência do Senhor Antônio Manoel Lemos, e sua esposa Dona Maria Eugênia de Lemos na localidade da Aldeia – Campo D’Una - Garopaba. No dia 24/10/2010. (Senhor Antônio Manoel Lemos faleceu no dia 20/11/2011).

¹¹Idem

¹²Venda de produtos agrícolas em pequenas quantidades, tais como ovos, banana, feijão, dentre outros.

Encantada, quando conseguiram a liberdade, foram morar em várias localidades do município. “Aqui nas Areias do Macacú, embaixo do nosso Morro, ainda moram famílias dos pretos que eram lá do Morro da Encantada, gente dos pretos, que eram escravos do Luíz Pereira. Essa gente é a família da Dona Prudência”¹³.

Percebe-se, assim, que a presença africana aconteceu em todas as direções do município de Garopaba, não somente nas duas comunidades reconhecidas, atualmente, como quilombolas: Aldeia e Morro do Fortunato. É pertinente destacar que através de laços matrimoniais, compras de terras, terras devolutas, dentre outras situações, as famílias foram se deslocando e formando suas propriedades. Segundo a Senhora Jordina Rita Machado, “a família da Dona Prudência, pertencia ao Senhor Luiz Pereira, da Encantada, Sul do município e que, atualmente, vive nas Areias do Macacú, mais ao norte”¹⁴.

Destacamos que a Senhora Prudência é artesã, sendo uma das poucas pessoas de Garopaba que domina a arte de fazer esteira de junco e chapéu de palha. Foi a Senhora Jordina Rita Machado, esposa de Fortunato João Machado, quem nos forneceu tal informação: “Ela faz esteira de junco e chapéu de palha pra vender. Vende ali na casa dela mesmo. Às vezes vende até na Feira de Verão em Garopaba”¹⁵. Como vimos, a arte familiar continua viva nas mãos da Senhora Prudência, o que deixa transparecer a trajetória histórica dos afro-brasileiros em Garopaba.

Continuando nosso estudo, agora indo ao Norte do município: Macacú, Siriú e Gamboa. Encontramos outro reduto de africanos ou afro-brasileiros, o Morro do Fortunato, que antigamente pertencia à localidade do Macacú e atualmente é chamado de Comunidade de Remanescente de Quilombo do Morro do Fortunato, nosso outro *locus* de estudo. De acordo com o morador do Morro do Fortunato, Maurílio Machado, 55 anos, o grupo se constitui da seguinte forma: “a origem da nossa comunidade é do tronco mais velho, foi o Fortunato Machado, fundador do grupo, que veio morar aqui com sua mãe Joana e deu um homem muito bom e trabalhador”¹⁶. Homem reconhecido por todos como desbravador, capaz de transformar as matas do alto do morro em rentáveis plantações de café.

Os moradores do Morro do Fortunato falam com alegria da trajetória do fundador do grupo, têm orgulho de descenderem de um homem que chegou naquele lugar ainda criança,

¹³ Entrevista realizada com o Senhor Fortunato João Machado e sua esposa Jordina Rita Machado, em sua residência no Morro do Fortunato – Garopaba – SC, em 19/05/2012.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Entrevista realizada na residência do Senhor Maurílio Machado, à Rua Geral do Morro do Fortunato, Macacú, Garopaba/SC, em 16/02/2013.

onde só havia mato, e tornou-se o homem mais rico das redondezas. “Aqui no Morro todos dizem que o Fortunato Machado, ‘o Velho’, era o rei do café”¹⁷. Os membros da Comunidade do Morro do Fortunato não são os únicos a apontarem o ‘Velho’ Fortunato Machado como ‘rei do café’, ou como um homem rico. O Senhor Laudelino Antônio Teixeira comentou que: “O Fortunato Machado do Morro do Fortunato, no tempo do café, foi um dos homens mais ricos que tinha, muitos comerciantes de Garopaba iam pedir dinheiro emprestado pra ele. Ele tinha mais de três mil pés de cafés plantados no Morro”¹⁸.

Outra pessoa que nos falou sobre a ‘riqueza’ de Fortunato Machado foi o pescador Maurício dos Passos, 60 anos, residente no Centro de Garopaba. Nosso contato com ele deu-se da seguinte forma: certo dia observamos, em frente a uma agência bancária do Centro da cidade, um senhor afro-brasileiro, com alguns livros nas mãos. Este, ao perceber que estava sendo observado falou: “Chegue até aqui, conheça os livros que vendo, são de autoria minha. Sou analfabeto, mas Deus me deu o dom de fazer versos sobre tudo o que se passa em Garopaba: economia, política, colonização, entre outras coisas que você pode ler aí. Já concorri até em concurso de versos”.¹⁹

Neste contato inicial, o Senhor Maurício dos Passos falou sobre muitas coisas, demonstrando seu potencial como fonte para esta pesquisa. Porém, sem o gravador em mãos não seria possível registrar tudo o que tinha pra dizer. Resolvemos marcar um momento pra uma entrevista, pois ele também se mostrou muito interessado na temática em questão – os quilombolas, aos quais chamou de “minha família, a do Fortunato”. Ou seja, estabeleceu-se entre nós a relação apontada por Ecléa Bosi (2004):

Entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve poder ser reproduzido. A memória é a faculdade épica por excelência. Não se pode perder no deserto dos tempos, uma só gota da água irisada que, nômades, passamos do côncavo de uma para outra mão. (BOSI, 1998, p. 85)

No dia 14 de maio, na Praça da Igreja de Garopaba, como combinado, estava o Senhor Maurício dos Passos com seus livros na mão e com um belo sorriso no rosto. A

¹⁷ Idem.

¹⁸ Entrevista realizada na residência do Senhor Laudelino Antônio Teixeira, à Rua Geral do Ouvidor, Limpa, Garopaba/SC, em 24/08/2012.

¹⁹ Entrevista realizada na Praça Governador Ivo Silveira, com o Senhor Maurício dos Passos, morador do Centro de Garopaba, em 14/05/2013.

entrevista iniciou-se às avessas, com o entrevistado fazendo a primeira pergunta: “Você já sabe quem foi o Fortunato Machado?”, sendo que ele mesmo respondeu:

Se ninguém te disse eu vou te dizer, pode confiar em mim. Sou filho de Apolônio dos Passos que morava no Siriú e de Joana Machado que era do Morro do Fortunato – Macacú. Joana era neta do Velho Fortunato Machado, filha do Inácio Machado. O Velho Fortunato Machado, fundador da comunidade dos pretos lá do Fortunato, era rico com o plantio do café, o plantio do café fez ele rico. Então o pessoal de Garopaba que podiam que tinham posses, como Tobias Lino, que o filho dele foi intendente de Garopaba, que quer dizer delegado de município ia pedir dinheiro para o Fortunato e muita gente que ainda hoje seus filhos e netos são conhecidos em Garopaba e têm comércio, também iam pedir dinheiro emprestado. Naquela época quem emprestava dinheiro para eles era o Fortunato Machado. Ele pagava gente de Garopaba para colher o café lá no Morro, os brancos. Isso era raro, mas era o homem negro que emprestava dinheiro para o homem branco²⁰.

Constatamos através de diferentes narrativas que Fortunato Machado foi um homem rico, no entanto, sentimos falta de tal referência na historiografia pertinente a Garopaba. Nenhuma das referências bibliográficas existentes sobre Garopaba menciona a importância social de um homem afro-brasileiro, que iniciou sua vida embrenhada no mato e conseguiu destacar-se tanto no seu grupo quanto nos arredores do município e na ‘Vila’ de Garopaba. Tal invisibilidade é discutida por José D’Assunção Barros (2009, p. 9), quando diz ser esta uma “Tentativa de vedar a um homem de ‘cor negra’ o acesso ao estabelecimento [o que] não se dirige na verdade contra um indivíduo, mas sim contra todo um grupo humano que para muitos pode ser definível como ‘raça negra’”.

Além das comunidades já citadas como pólos comunitários constituídos por famílias negras, também cabe destacar a presença de moradores afro-brasileiros no Centro de Garopaba, em especial na Avenida dos Pescadores e nas ruelas conhecidas como Beco, localizadas no Centro Histórico. É o pescador e poeta Maurício dos Passos quem narrou a forma de agregamento destas famílias nos locais em questão:

Eu nasci no Siriú e morei por pouco tempo lá, meu pai veio embora para Garopaba pescar tainha. Naquele tempo na pesca da tainha em Garopaba eles davam uma morada para o pescador. A morada do meu pai era a morada do Seu Quirino hoje. Mas quando botaram luz na Garopaba e a luz não chegou lá na Vigia, onde meu pai morava, meu pai fez uma casa na praia, ali na areia, era só tirar a areia do combro para um lado e para outro e fazer a casa. Eram terras que não tinham proprietários. Ninguém queria e

²⁰Idem.

ninguém pensava em vir para Garopaba. Garopaba era um lugar abandonado que pra chegar tinha que ser pelo mar. Pra ir para Florianópolis tinha que ir de lancha pelo mar com vento sul e com nordeste vinha para cá²¹.

A pesca da tainha foi fator determinante na vinda de famílias de afro-brasileiros para a praia de Garopaba e arredores. Este foi o caso de Apolônio dos Passos e Joana Machado, que saíram com seus filhos, entre eles Maurício dos Passos, da sua morada no Siriú para trabalhar na pesca da tainha, em Garopaba. Seu Maurício, conhecido como ‘Moriço’, contou: “Meu pai veio trabalhar para o Senhor Tobias Alino, esse senhor era o dono de toda a Vigia, era um homem poderoso, um homem famoso em Garopaba, bem falado”. Porém, a relação dos pescadores com o Senhor Tobias não era empregatícia, pelo menos no ponto de vista de ‘Seu Moriço’: [O pescador] “ganhava uma parte, a pesca era repartida com a tripulação que trabalhava junto com ele”²².

Ele também falou sobre a presença de famílias originárias do Morro do Fortunato que se estabeleceram no local: “Um tempo depois, quando Garopaba já estava começando a ter umas bodegas²³, Pedro Martinho, filho do Manoel Fortunato, botou uma bodeguzinha aqui na Praia. Pedro Martinho era da polícia, saiu e botou esse negócio aqui na Praia”²⁴. Foram ainda destacadas por ‘Seu Moriço’ outras famílias, no entanto, estas provenientes de outras localidades. Sendo assim, é possível inferir que os moradores da orla central de Garopaba, em um passado bastante recente, eram de procedência variada, constituídos por várias famílias afro-brasileiras.

A família do seu Altamiro veio de fora, dos Ganchos. Botou loja em Garopaba, teve loja de fazenda aqui. Eram pessoas mulatas que veio dos Ganchos. A família do Messias veio do Pântano do Sul Florianópolis, teve muita gente do Pântano do Sul que vieram morar aqui na Garopaba eles vieram para trabalhar na armação de baleia aqui em Garopaba²⁵.

Nesse sentido, as lembranças e narrativas do Senhor Maurício dos Passos, bem como as dos demais entrevistados, nos ajudaram a desvelar a história ‘oficial’ de Garopaba, que

²¹ Entrevista realizada na Praça da Prefeitura com o Senhor Maurício dos Passos, morador do Centro de Garopaba 14/05/2013.

²² Idem.

²³ Comércio de produtos tais como cachaça, linguiça, charque, entre outros gêneros alimentícios além de querosene, fumo de corda, dentre outros.

²⁴ Entrevista realizada na Praça da Prefeitura com o Senhor Maurício dos Passos, morador do Centro de Garopaba 14/05/2013.

²⁵ Idem.

pouco tinha oportunizado a população garopabense conhecer uma história ‘vista de baixo’, que contemple as diferentes vozes dos moradores locais.

3. Considerações Finais

Evidentemente, pelo curto período dedicado à pesquisa, não foi possível inventariar toda participação dos afro-brasileiros na dinâmica sócio histórica de Garopaba, pois tal empreitada exigiria um tempo mais extenso e um estudo mais profundo, principalmente em relação à pesquisa documental (certidões de diferentes naturezas, documentos de terra, de compra e venda de escravos, do comércio naval com Florianópolis, dentre outros), enfim, uma gama de documentos que o exíguo tempo em questão não permitiu que fossem interrogados e analisados adequadamente.

Por ora, ressaltamos a presença dos afro-brasileiros na constituição histórica do município de Garopaba através de falas diferenciadas, dando voz a sujeitos sociais comuns, que falam de suas vidas e se reportam ao que sua memória permite guardar. Neste emaranhado de falas os afro-brasileiros são visibilizados e reconhecidos como fundamental no desenvolvimento do município, indo de norte a sul e destacando-se nas diferentes esferas que dão vida ao ambiente citadino e suas transformações.

Nesta construção historiográfica as fontes orais foram determinantes, apontando para outras possibilidades na constituição sócio histórica de Garopaba. Tal colocação vem ao encontro das reflexões de Lucília de Almeida Neves Delgado (2006, p. 52), que indica: “A história oral possibilita o afloramento de múltiplas versões da história e, portanto, potencializa o registro de diferentes testemunhos sobre o passado, contribuindo para a construção da consciência histórica individual e coletiva”.

Referências

BARROS, José D’ Assunção. **A construção social da cor: diferenças e desigualdade na formação da sociedade brasileira**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BESEN, José Artulino. **1830 - 1980 São Joaquim de Garopaba (Recordações da Freguesia)**. Gráfica e Editora Pe. BERTHIER, 1996.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 11 ed. Companhia das Letras: São Paulo, 2004.

CARVALHO, Francine Adelino. **Entre cores e memórias:** escolarização da Comunidade Remanescente do Quilombo Aldeia de Garopaba/ SC (1963-1980). 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em Educação, Florianópolis, 2011.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Negros em Florianópolis:** Relações sociais e econômicas. Florianópolis: Editora Insular, 2000.

CARDOSO, Fernando H; IANNI, Octavio. **Cor e mobilidade social em Florianópolis.** São Paulo, 1960.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. **Negros em Desterro:** experiências das populações de origem africana em Florianópolis na segunda metade do século XIX. Itajaí: Casa Aberta, 2008.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral:** memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FARIAS, Vilson Francisco de. **Dos Açores ao Brasil meridional uma viagem no tempo:** 500 anos litoral catarinense para o ensino fundamental. 2 ed. Florianópolis: Ed. do Autor, 2000.